



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário

12 de Agosto de 1989

Ano XLVI — N.º 1185 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTA DA QUINZENA

A «Roquita», como era conhecida no Calvário, adormeceu pelas 10 horas da manhã, para não acordar mais, no nosso meio. Tinha 22 anos.

Veio de Angola, na companhia da irmã mais velha, depois de ter ficado sem os pais. Era uma doente profunda. O seu corpo coube numa urna de criança.

Acompanhada com a ternura do coração feminino, até à última hora, a vida da Emília, de Fátima, seu nome de baptismo, mais parecia um milagre que o fruto natural do coração que teimava em bater. Nos últimos tempos, saía regularmente pus pelos lábios entreabertos. Mão carinhosa recolhia-o serenamente. A gratidão da «Roquita», em silêncio, era a única recompensa para quem entregou a vida incondicionalmente para que ela pudesse morrer com dignidade, na Casa que foi sua, durante quatro anos.

«Se é triste não ter onde viver, mais triste não ter onde viver nem morrer.» Deste modo, Deus gerou o Calvário no coração de Pai Américo, como um hino à vida, onde quer que ela habite.

Num corpo de formas perfeitas ou em seres humanos com a apa-

rência de pequenos monstros mora uma alma de origem divina. São pessoas. Têm direito à vida e aos cuidados para a defender até ao fim. Ninguém tem o direito de a tirar. E ninguém tem maior amor do que aquele ou aquela que dá a sua vida para que outros possam viver.

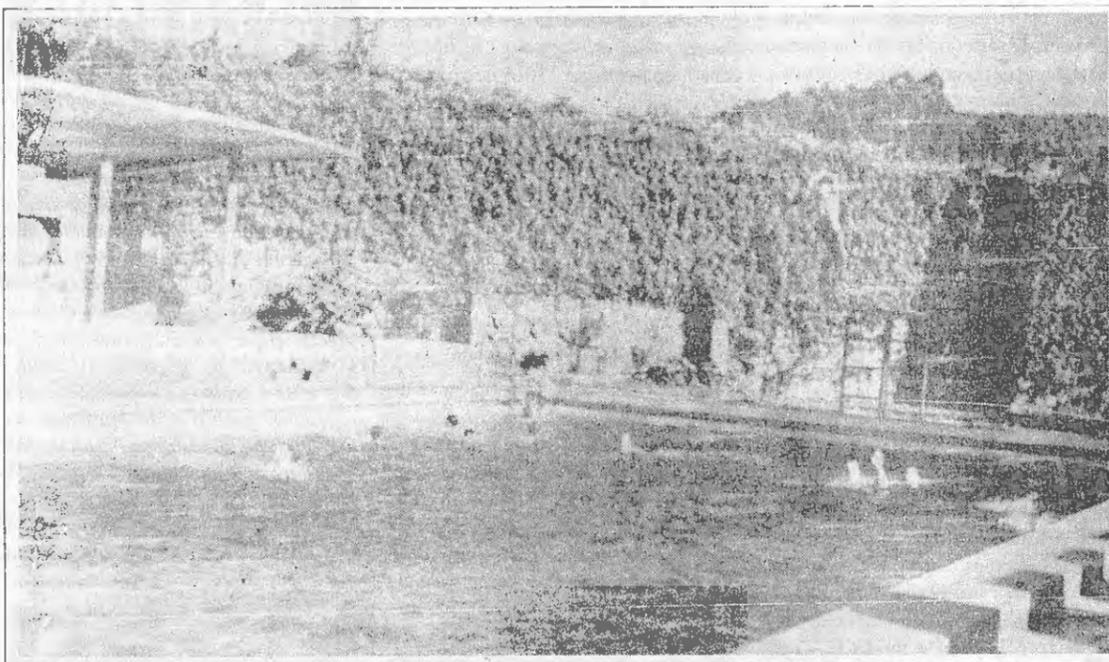
O Calvário é necessário agora como o foi quando nasceu. É a expressão da delicadeza do amor que tem a sua fonte em Deus com entranhas de Mãe.

O mundo necessita deste testemunho. A matéria quer ocupar o lugar do espírito. O homem tem o sentido de Deus; perde-se, desespera, mata-se. O mundo sem amor é um oceano gelado. Não é família.

Os atentados contra a vida cometem-se descaradamente, em nome duma sociedade mais sã, mais pura, mais equilibrada. Que desgraça, meu Deus! Ainda, no ventre da mãe! Depois, tomam nomes mais suaves para encobrir o crime maior que é matar.

Pior ainda: esta mentalidade doentia e materialista diz-se defensora da dignidade da pessoa.

Naquele tempo, o Calvário foi lugar de Redenção, Espe-



No Verão, em nossas Casas, a piscina é lugar de encontro após um dia de trabalho, qual remédio para os vícios da Rua.

rança, anúncio da Festa da Vida.

A «Roquita» experimentou este verdade no Calvário, de hoje. A morte dela foi a última estrofe do hino à vida.

Pai Américo fez 60 anos de padre no dia em que esta nota saía para o papel. Foi em 28 de Julho de 1929 que foi ungido Sacerdote. Sua vida, à semelhança da de Jesus, foi uma «subida para Jerusalém», onde consumou a sua entrega ao Pai. O Calvário foi o momento que exprimiu, pela participação no Sacerdócio de Jesus Cristo, a sua vivência do mistério da Páscoa.

Padre Manuel António

PARTILHA

O sol acendeu os recortes da serra da Lousã e os véus de neblina foram-se diluindo nas encostas.

Mesmo defronte deste belo cenário, na capela que serve o lugar de Bujos e a nossa Casa de Miranda do Corvo, celebrámos a Eucaristia — festa de domingo, o Genesis, Abraão deu-nos a lição do acolhimento.

Há dias, disse-me um amigo: «O homem não precisa tanto da sua inteligência (já fez tantas coisas mal feitas!); precisa mais do coração».

Sim, um coração aberto às coisas e pessoas; às belezas e verdade da natureza. Belezas infundas e maravilhosas! Coração aberto às pessoas em gestos de ternura e fraternidade.

Tão gasta esta palavra! Todos os dias numa «roda vida»... Vazia de sentido para tantos.

Ser fraterno! Os primeiros cristãos eram. Eles acolhiam-se, naturalmente. No âmago da vida cristã estava a vivência fraterna. Assim nos conventos antigos e congregações.

Hoje, ainda há irmãos? Por certo que sim e muitos, graças a Deus. Porém, igualmente certo que nem todos os nossos caminhos traduzem o Evangelho. Tantas vezes o acolhimento por dinheiro ou reputação esconde e abafa o sentido fraterno...

Recordo um amigo que, cansado e de mochila às costas, bateu à porta dum «centro de acolhimento». Poisou a mochila no chão, entrou com suas «botas grossas» e calças de ganga e identificou-se como sacerdote.

A Irmã, em seu hábito imaculado, olhou-o...: «Que não. E também não era permitido montar a tenda num canto da cerca».

Também, um nosso gaiato: Foi, até à idade de quatro anos, criado num «recolhimento», idade em que veio para a Casa do Gaiato. Cresceu. É pai de três lindos filhos. Há meses, foi a essa cidade, ansioso por rever os lugares da sua infância. Carregou no botão. «Que não, nem pensar... Podia só ver a igreja».

Recordo ainda, e com muita alegria, um amigo africano em Angola, no ano de 1960: Aconteceu ter de fazer duas viagens, a pé, de seiscentos quilómetros. Foi sem merenda e sem dinheiro. Em cada sanzala se apresentava ao soba. Este provia à sua refeição e dormida. Longe da sua sanzala e dos seus, foi acolhido por todos como um irmão.

Isto, sim, é fraternidade!

De facto, tecemos e estamos tecendo muitas teias de volta do Evangelho; e cada vez estamos mais distantes da «Liberdade dos filhos de Deus».

«Olhai os lírios do campo!»

Qual?! Somente o vestido que nós próprios costumamos.

AQUI, LISBOA!

• Sucedem-se as greves de classes profissionais poderosas, a pretexto das mais variadas razões, nomeadamente da **dignidade** das suas carreiras e de outros aspectos similares. Sem entrar na análise de fundo dos argumentos invocados, que transcende a índole d'O GAIATO, não queremos deixar de apontar a penalização iníqua, em relação aos mais fracos e desprotegidos, que representa a recente greve dos bancários, aliás uma classe privilegiada no contexto social português, pelo período escolhido para a sua realização, sabido como é que quase todas as empresas, nos tempos actuais, fazem os seus pagamentos por cheque ou por transferência bancária. Apanhados no fim do

mês de Julho e princípios do mês de Agosto, em pleno período de regresso ou de partida para férias, foram sobretudo os pobres e carenciados, os mais lesados, sem o mínimo de respeito que lhes é devido, enquanto os reivindicadores, com os seus honorários no bolso, olímpicamente se desvincularam das suas obrigações para com os outros cidadãos, sobretudo, repetimos, dos mais frágeis e de menos recursos, que contam com os seus ordenados para as despesas correntes, nomeadamente para a compra dos passes sociais e outros encargos vitais no período da passagem dos meses. Julga-

Cont. na página 4

Padre Telmo

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• Há dias, estivera connosco por via da burocracia da Segurança Social. Como em anos atrás, quando ficara só, com um rancho de filhos.

Hoje, a horas que o mundo diria inoportunas, um vicentino da sua terra chama-nos ao telefone: os Bombeiros acabavam de suster o fogo na sua moradia; mas, apesar de todos os esforços, não conseguiram travar o ímpeto das chamas. Vinham doutra desgraça. Não chegaram a arribar ao Quartel. Alguns, com 24 horas de permanente vigília na floresta incandescente!

Para além das palavras sonantes (que os políticos lhes dedicam em horas solenes), vale a pena viver, dia-a-dia, a abnegada doação destes Homens em horas difíceis da população. Por mais esforços dispendidos (a tarimba no-lo diz), não faz sentido que os Bombeiros precisem de ser mendigos para ter o fundamental: um digno e funcional imóvel para a sua actividade em benefício do bem-comum! Já o afirmámos publicamente e voltamos a repetir: Seria aconselhável (supomos, viável) o Terreiro do Paço elaborar um plano integrado, a nível nacional, para a resolução destas carências com fundos da CEE! Para além do Estatuto do Voluntário — em vias de promulgação — seria o maior acto de justiça para todos os Bombeiros de Portugal.

No caso vertente, a Viúva ficaria ao luar, não fosse a Comunidade abrir os braços, concretizando-se o conceito que Pai Américo pregou, naquele tempo: *Cada freguesia cuide dos seus Pobres*. Vicentinos, Pároco, Autarquia, População, todos de mãos dadas para a solução dum problema urgente.

Confortámos e estimulámos a Viúva, ainda convalescente dum problema vascular. Demos Esperança à pobre mulher, que nos responde com um sorriso expectante. Ela crê no milagre que o nosso Bom Deus irá operar no seio da Comunidade, terra natal de Pai Américo — que deu a receita: *Cada freguesia cuide dos seus Pobres*.

PARTILHA — Duas presenças de «velha amiga», assinante 2838, com

marcos e um poema. A partilha de Junho, com «saudações fraternas» e «basta o aviso de terem recebido, n' O GAIATO» — recomenda «uma assinante de Paço de Arcos», muito assídua. Assinante 27975, de Valadares, mil escudos. Leonilde, de Coimbra, idem, «por intenção da alma de meus queridos pais». Berço da nacionalidade (Guimarães): três vezes mais «para uma viúva com filhos ou para o que entenderem melhor». A Caridade é assim!

Assinante 52663 chora problemas familiares e lembra a cruz dos Pobres com dez contos. Assinante 675, o costumado vale de correio: 4.000\$00. Cinco, do assinante 23618 que recorda Pai Américo a 16 de Julho. «Avó de Sintra», idem, para «a família do costume, a quem desejo melhoria de vida». Intenção cristã!

Vilares (Vila Franca das Naves): «As necessidades são tantas!, mas não posso dar mais. Tenho um sobrinho pobre, com sete filhos (alguns já estão fora de casa) e pago-lhes o pão todos os meses. Deus nos ajude». Alma grande!

Outra presença que dá força ao 16 de Julho: «Mando um cheque para dividir, como entenderem, por dois casos referidos na última edição d' O GAIATO. São tantos os que me tocam, em jornais passados, e raramente acabei por reagir como sentia dever... Uma das razões é que os Pobres, pelo menos alguns, precisam sempre e os que dão nem sempre podem (?) ou não têm caridade bastante para o fazer. Que Deus nos perdoe as faltas de solidariedade (e são tantas!)».

Fundão: o casal-assinante 11902 comparece regularmente, há muitos anos! Assinante 14656 com dez contos «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, aplicando-os aonde fizer mais falta. O GAIATO continua a trazer-me mensagem de Amor. Não escrevam nem mencionem o meu nome no jornal». Manuela, do Porto: «Só agora terminou a época de exames. Só agora tenho oportunidade de escrever e enviar algumas das minhas economias (dez mil) para que delas façam o melhor uso». Felicidades! O nosso Agostinho, quando vem de férias, deixa sempre algo para os Pobres da sua terra: dois contos. De Santa Cruz do Douro, idem. Gaia, Rua Fernão Mendes Pinto, idem. Metade, da assinante 27197, de Bencanta, «para ajuda de alguns medicamentos, pois sei quanto custam.

Gasto bastantes. O tesoureiro, da Conferência, liquidou uma conta superior a 60.000\$00 deles, fornecidos aos Pobres. Mais dois mil escudos duma assinante, de Tavira, uma anónima que caminha nesta procissão do anonimato. E «mais umas migalhas — da assinante 35019 — para auxílio daquela pobre viúva que tem uma doença incurável».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

«Mais uma vez eu desejava mostrar um mundo melhor àqueles que consideram perdida a sociedade actual.

Não; a Humanidade não é ainda matéria falida. Até mesmo aqueles que não acreditam no espírito, se incendiam, quando alguém sopra nas cinzas, aparentemente apagadas. O que é preciso é que se erga perante eles um ideal mais alto de Beleza moral, de Justiça e de Caridade.

Sempre que trazemos para aqui as lágrimas dos que sofrem, a escuridão dos antros e a imundície dos farrapos humanos, logo aparece alguém a chorar com os que choram, a alumiar os que jazem nas sombras da morte e a limpar com carinho as chagas purulentas de irmãos nossos.» (Pai Américo)

Como Pai Américo, também nós sentimos a alegria da solidariedade de tantos nas ajudas que nos dão.

16 de Julho, é um dia muito querido para todos nós. Reunidos em volta do altar, demos graças. No final da Eucaristia, Deus quis que tivéssemos conhecimento do problema de dois jovens, ele de 20, ela de 18 anos. Palavras simples mas sentidas.

«Sr. José, queria que fosse padrinho do meu filho». Pasmé. E continuou: «Já falei a outras pessoas e elas dizem que não podem». De olhos no chão, calou-se. Pedi que me deixasse pensar um bocadinho.

A caminho do Porto tive conhecimento que o trabalho dele era a safra da batata quando havia. Mora à saída da Ponte D. Luís, tabuleiro inferior.

Chegados a casa, tive a sensação de que entrava num galinheiro ou coisa parecida. Para lá da porta de madeira e bocados de chapa, vivem, além deles,

mais quatro famílias. O buraco não tem água nem esgotos. A água vão buscá-la mais adiante a uma mina; e os despejos são feitos num buraco.

A mulher, apesar da sua juventude, não escondia a cor macilenta, por falta de alimentação. O filho que traz no ventre tem as mesmas carências. De sanidade mental fortemente duvidosa, vive das sobras que as vizinhas lhe dão, quando têm. Ela não trabalha. Ele está na tropa em Lisboa.

Estes jovens mais do que padrinho para o filho, precisam de solidariedade que os ensine e estimule a viver.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — O 16 de Julho também é vivido e recordado com alegria e saudade pelos nossos Amigos. Ora vejam: «Aproxima-se o dia 16. Não esqueço a noite que perdi no Largo da Trindade, no Porto, minha terra, aonde vivi até aos 80 anos. Agora vivo num Lar fora do Porto. Estou a escrever com as lágrimas a correrem pela face. Contactei muitas vezes com o nosso Pai Américo e ele tratava-me por filha.

Desculpai, mas os meus 84 anos já não podem fazer melhor.

Um grande e saudoso abraço para todos os continuadores dessa grandiosa Obra.

Zé Ninguém»

De Leça da Palmeira — Conferência Feminina — 10.000\$00. Uma Alentejana, com pedido de uma oração, 5.000\$00. Da assinante 14590, mil escudos para a sr.^a Dália. Mais 1.000\$00 da assinante 3359. De S. Pedro do Estoril, assinante 30175, com o coração jovem. «Tenho 83 anos e também estou só. Para a sr.^a Dália vai essa migalhinha». Anónima, do Porto, 15.000\$00. «Conto com uma ajuda do Pai para que saiba premiar o trabalho dos meus alunos, também muito carenciados de tudo». Adelaide, de Fiães, 3.000\$00, para o seu Pobre. Anónima: «Os dez mil são para comprar leite para uma mãe que o não possa comprar». Do Porto: «Junto cheque no valor de 1.500\$00 como acção de graças de Maria Violeta». Aveiro presente com 1.000\$00 para os irmãos mais necessitados, da assinante 53565. Anónima, da Maia, 3.000\$00: «Com um abraço de muita amizade e carinho no Senhor, aqui vos envio esta pequena quantia. As finanças de casa nem sempre são fáceis». De uma mãe que tem muito espaço no coração para outras crianças: «Bem hajam pelo vosso amor aos mais necessitados». Do Freixieiro: «É com grande aperto de coração que acabo de ler no vosso jornal o problema da D. Antonieta, do Porto. Junto envio o cheque de 2.000\$00.

De Moscavide, assinante 24505, 2.000\$00 para a D. Antonieta. Assinante 21225, de Lisboa: «Peço o favor de fazerem chegar à Conferência de S. Francisco de Assis a minha modesta resposta ao apelo do casal vicentino». Anónima, de Pombal, 4.000\$00 para a família em destaque no vosso jornal de 15 de Julho». J. Bastos, de Setúbal, 2.000\$00 para dar uma ajudinha à D. Antonieta.

Um vicentino

Lar de Coimbra

Mais um ano lectivo chegou ao fim. Éramos 33 estudantes e, tal como em anos anteriores, uns aproveitaram melhor do que outros.

O número de estudantes sem aproveitamento foi superior ao ano lectivo precedente: um, em doze do Curso Unificado, ficou sem aproveitamento; e seis, em dezanove, do Ciclo Preparatório, também ficaram sem aproveitamento. Os restantes dois estudantes que frequentam o Instituto Superior de Contabilidade e Administração, de Coimbra, encontram-se em exames. Ainda não podemos tirar ilações concretas do seu aproveitamento.

Como é sabido, a malta do Ciclo Preparatório e do Unificado estuda na Cooperativa de Ensino de Coimbra, entidade escolar que desde os tempos da D. Julieta tem contribuído para a formação intelectual dos nossos rapazes. Os professores dedicam muito trabalho aos gaiatos, com grande afeição e carinho. Por isso, os gaiatos sentem-se felizes naquele estabelecimento de Ensino. A Cooperativa de Ensino ofereceu a um dos nossos estudantes — considerando este o melhor — um prémio que valeu uma viagem de quinze dias a Inglaterra e à Alemanha Federal. Bom prémio para o melhor do 11.º ano Unificado.

Agradecemos aos professores e responsáveis da Cooperativa a generosidade com que nos receberam, tal como em anos anteriores, e a dedicação prestada aos nossos companheiros.

Um dos nossos, estuda no Colégio de São Teotónio de Coimbra (sempre manifestou desejo de receber os gaiatos e tem estado de mãos abertas a qualquer pedido por nós formulado). Para os seus responsáveis o nosso muito obrigado.

Para os que tiveram aproveitamento, continuem sempre com vontade de estudar. Os que não obtiveram aproveitamento, no próximo ano tenham mais vontade — para vencerem as dificuldades. Do mesmo modo os novos estudantes tenham coragem de vencer mais um obstáculo.

José Luís

MIRANDA DO CORVO

BATATA — Foram dois dias, em cheio, na arranca da batata. O grupo preferiu levantar-se cedo, para não trabalhar nas horas de maior calor. Levantámo-nos às 6 horas da manhã, despedindo ao fim do dia, tendo quatro horas de descanso. Os mais pequenitos também apanharam batata, não falando no tractor sempre a carregar e a descarregar. No último dia tivemos um bom jantar: carne de vaca (que matámos uns dias antes) e batatas fritas.

A colheita foi razoável: cerca de 7.500 quilos.

OBRAS — Reparámos a antiga casa da tia Maria Godinhela, oferecida por Pai Américo àquela senhora, em troca da que ficava onde é hoje a residência dos 8. Destina-se a alojar casais de antigos gaiatos que venham passar férias connosco. Fica bonita!

Ao fundo da tipografia será construído um paredão para segurar as terras, obra a cargo dum empreiteiro e a ajuda dos nossos rapazes. Fica em frente ao busto de Pai Américo. Um grupo de pintores está ocupado com as portas e janelas da casa-mãe, em mau estado.



Um grupo de gaiatos que fez a Profissão de Fé na Capela da nossa Aldeia, em Paço de Sousa.



Ficará toda bonita para os cinquenta anos que se aproximam.

AGRICULTURA — A cultura dominante, em nossa Casa, é o milho. Está bonito e algum já a despontar. Andaram a adubá-lo e, agora, dois grupos a regá-lo para não secar.

Não serve para alimentação dos rapazes, mas para os animais; de certa forma mantém-nos ocupados. O feijão verde e os tomateiros estão carregados de fruto que saboreamos com muito gosto.

António Maria

BEIRE

Sou o Jorge que vim para a Casa do Gaiato de Beire com 12 anos, mas já cá estou há 16. O meu pai morreu num desastre, ao atravessar a estrada em Baltar. A minha mãe está num Lar, à beira do hospital de Paredes. Eu estou bem, na Casa do Gaiato de Beire, com os meus companheiros e a senhora Margarida.

Os trabalhos que a gente fez no mês de Julho: sachar o milho e regar o feijão e as árvores, com a água dos tanques. Pomos a semente da erva nos campos e o adubo. Sulfatámos as batatas e tratámos as uvas das ramadas.

No Verão, os pomares são limpos, raspamos as ervas más, elas secam e queimam-se. As árvores, para darem os frutos, são tratadas com estrume, adubos e podadas e sulfatadas.

Na Casa do Gaiato também há uma vacaria com vacas a dar leite que serve para a nossa alimentação. É também vendido e transportado na camioneta para uma fábrica. Há bois para engordar e ser vendidos para dar dinheiro. Há algumas vitelas, touros, etc.

Na piscina, a gente toma banho. O «Formiga» atira-se, de chapada, na água.

Esforcei-me por fazer o exame da quarta classe de adultos e graças a Deus já sei ler e escrever alguma coisa e fazer contas.

Jorge Adalberto Ferreira dos Santos

TOJAL

ESCOLA — Entre nove, só dois rapazes não transitaram de ano, no Ciclo Preparatório.

No Secundário, passaram cinco e chumbaram três.

Esperamos para o ano tudo corra melhor e quem não passou estude um pouco mais.

CAMPO DESPORTIVO — Não tarda o arranjo do nosso parque desportivo. Esperamos esteja pronto, em Setembro ou Outubro, para disputarmos jogos.

PRAIA — As férias dos nossos rapazes prosseguem na praia de S. Julião da Ericeira, na companhia de alguns companheiros de Setúbal. Umas óptimas férias!

Luís Miguel Fontes

DESPORTO — É tempo de férias, os nossos jogadores bem as merecem, depois de grandes esforços para vencerem quase todos os jogos ao longo deste ano.

AGRICULTURA — A batata e a palha são, agora, os únicos trabalhos no campo; vão devagar porque há poucos rapazes na agricultura, pois alguns estão a gozar férias.

FÉRIAS — Alguns dos nossos rapazes foram passá-las na Arrábida. Eu fui um deles. Gostei muito. Integrámo-nos na Comunidade de Setúbal e relacionámo-nos muito bem com todos os companheiros.

As praias são bastante boas; então para mergulhar das rochas não há sítio melhor!

Martinho Lopes

Recado aos Assinantes

Não era assim, mas agora é; e não vale a pena queixarmo-nos, que não adianta. Razão por que este recado, que também poderia ser aos Serviços de Distribuição dos C.T.T., vai mesmo para os Assinantes.

Trata-se dos endereços, da sua integridade, da sua correcção. A mais pequena falta — esquerdo ou direito, a respeito de andar; a não indicação deste, mesmo em prédios de poucos andares; uma alteração toponímica recente; a falta de número de polícia, onde só desde há

pouco existe, etc. — sobretudo em terras em explosão urbana, faz com que os jornais sejam remetidos à procedência «por endereço insuficiente» ou «destinatário desconhecido». Agora, em tempo de férias, são devoluções maciças, hoje de uma terra, amanhã de outra — o que denuncia a presença de carteiros novos, substitutos temporários dos habituais, que não conhecendo bem o giro nem estando muito interessados em dar a melhor conta possível da sua função, à mais pequena dificuldade, à menor dúvida, em vez de a tentarem resolver perguntando por lá, não senhor; escrevem na borda do jornal «endereço insuficiente» ou «desconhecido» e devolvem.

Esta a razão pela qual muitos assinantes ficam volta e meia sem o seu jornal, mormente neste tempo de férias.

Que fazer?... Vamos deixar passar a maré, até que venha o carteiro habitual e então as entregas voltarão a acertar?...

— Não senhor, porque em cada nova falta deste carteiro se repete o desacerto!

Vamos, mas é, ver bem no endereço impresso no jornal se ele está

A comida que eles nos faziam era muito boa. Também o sol não nos faltava e então para dormir e descansar ainda era melhor.

Ângelo Duarte

SETÚBAL

FÉRIAS — O segundo turno está a gozar férias. Foi um ano de grande sacrifício. Sabe bem chegarmos ao tempo da praia e saborearmos a água do mar e nos divertirmos, jogarmos vôlei e futebol. Há rapazes que gostam de Surf e é uma pena não termos pranchas. Se algum leitor tiver delas, alguma esquecida num canto da casa, agradeceríamos a oferta.

AGRICULTURA — Há dias fui dar um passeio pela quinta e reparei que os nossos agricultores não param. Procederam à colheita da batata. O milho, todo semeado e o tomate, dentro de alguns dias, dará fruto. Os pedreiros calcetaram a estrada à volta da nossa casa. Agora, só falta o jardim.

DESPORTO — O grupo entrou em férias, mas a direcção, não. Neste mês pensamos marcar jogos de futebol para todas as camadas e resolver alguns problemas do grupo.

Já temos alguns encontros em vista, mas não chegam. Por isso, convidamos os grupos interessados a escreverem para G. D. e R. «O GAIATO» — Casa do Gaiato — 2900 Setúbal; ou, então, telefonarem para o 23054, a partir das 20 h.

ANIVERSÁRIO — Pai Américo fundou, há trinta e quatro anos, a nossa Casa do Gaiato de Setúbal. No dia do aniversário, Padre Acílio contou a sua história, durante o almoço. Gostámos muito de ouvir, especialmente o trabalho da sua reconstrução. De ontem para hoje, nota-se uma grande diferença, pois faz-se os possíveis para dar aos gaiatos o que há de melhor. Celebrámos a Eucaristia no fim do dia; a festa, à hora de jantar.

CONVÍVIO — No dia 1 de Julho procedemos à arrumação completa da casa, para ser mais acolhedora para todos: novos e antigos gaiatos.

No dia seguinte, a concentração dos nossos irmãos mais velhos foi no Lar, em Setúbal. Depois, viemos para Aljezur.

Celebrámos a Eucaristia. Houve a reunião da Associação com assuntos de muito interesse. O almoço, saboroso, fechou a primeira parte do convívio; à tarde, realizou-se um encontro de futebol entre novos e velhos. Resultado: 5-2.

Ao fim da tarde, banho na piscina, sardinhada e muita satisfação entre a malta, recordando tempos idos... Dia que fica sempre na recordação de todos!



RETALHOS DE VIDA

O JOÃO

O meu nome completo: João Miguel Pires Fernandes.

Até aos cinco anos vivi no Bairro da Bela Vista, em Setúbal, num prédio amarelo.

Como o meu pai, todos os dias, batia na minha mãe, com a bebedeira, ela foi embora e, passados dias, ele arranhou outra mulher.

A minha madrastra era boazinha. Não fazia mal a ninguém. Embebedava-se todos os dias e foi morrer num supermercado.

A minha mãe arranhou um homem que tinha uma casa, mas ele não me queria porque eu fazia muitas asneiras.

Estive dois anos com os meus tios, mas andava sempre a vadiar pelas ruas e tascas. A minha tia resolveu pôr-me na Casa do Gaiato de Setúbal. Eu fugia sempre e o sr. Padre mandou-me para a nossa Casa de Paço de Sousa.

Quando for grande quero ser professor.

Um abraço para todos os setubalenses.

João Miguel Pires Fernandes

exacto, se corresponde ao último grito da nomenclatura, se lhe falta alguma indicação; e a informar-nos da correcção a fazer, afim de que a entrega do jornal dependa cada vez menos do «toda a gente me conhece lá na terra» (não contando

o carteiro das férias) e cada vez mais da perfeita objectividade do endereço, de modo a não deixar desculpa a qualquer carteiro, seja o habitual, seja um substituto.

Padre Carlos

RECORDAR

Acarinhado por seareiros, acolhido por familiares, terminara, já órfão, a Instrução Primária — pela batuta dum grande mestre — sem horizontes imediatos (de Futuro) naquela urbe raiana, alentejana, que sentira o drama da guerra civil espanhola e sofria, duramente, as agruras do último conflito mundial: fome, racionamento...!

Um catedrático da Lusa-Atenas aborda o meu caso a Pai Américo (preparado para receber, da Junta Distrital do Porto, a quinta beneditina de Paço de Sousa — sabe Deus como e de que maneira...! — para concretizar um velho sonho latente em sua alma: a Aldeia dos Rapazes).

Dispôs-se a acompanhar-me a Coimbra (conhecia bem a viagem) uma conceituada doceira, fisicamente alentada, típica figura do meio e serva da família do dito professor. Seguimos direitinhos ao Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios! O petiz, de treze anos, fica deliciado na varanda do imóvel: o panorama da urbe, o Mondego e o choupal. Estava preso às muralhas históricas da cidade onde nascera...

Surge, entretanto, um homem alto. Capa traçada. Face risonha. A senhora Rita identifica-nos. Dá o recado. Entrega-me a Pai Américo e regressa no primeiro comboio. Foi um banho de lágrimas... pela

família, por tudo! Pai Américo cinge-me ao peito, nos seus braços. Carícias de Pai. E, no meio de todo aquele carinho, dá uma notícia a seu modo, qual aurora resplandecente:

— Agora, vamos p'ra Miranda do Corvo, onde estarás algum tempo. Depois (com os seus nos meus olhos), segues p'ra junto do teu irmão...

— Onde é que ele está...?!

— Em Paço de Sousa. Não chores mais...!

Inesquecível, o extraordinário acolhimento de Pai Américo!

Júlio Mendes

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

16 de Julho de 1989 foi um dia de muita emoção e alegria para os actuais e antigos gaiatos, presentes em Paço de Sousa.

Com muita satisfação, participaram no convívio representantes das Associações do Centro, Setúbal e antigos gaiatos ligados ao Tojal. De Miranda do Corvo, também Padre Horácio partilhou da nossa festa.

O primeiro acto mexeu muito com os nossos corações — na Capela, junto do túmulo de Pai Américo.

Zé Eduardo, em poucas palavras, lembrou a razão da nossa presença. O Valdemar fez uma pequena oração de agradecimento ao Senhor por nos ter dado um Pai tão bom. E um neto da Obra da Rua depositou no túmulo um simples ramo de flores, com uma legenda: «Obrigado Pai Américo».

A segunda cerimónia, pelas 11 horas,

teve momentos de alto valor espiritual: a celebração da Missa comunitária junto ao hospital, à sombra das grandiosas árvores ali existentes. Celebrantes: Padre Manuel, Padre Carlos, Padre Horácio e um sacerdote de Castelo Branco.

Na homilia, o Padre Manuel falou de Pai Américo. Como se sentiria feliz se, naquele momento, estivesse fisicamente junto de nós: à sua frente teria a realização do seu grande sonho, muitos dos seus filhos já integrados na sociedade, com família constituída, acompanhados dos netos e até bisnetos da Obra da Rua.

Esta cerimónia foi um grande momento de reflexão. Agradecemos ao Senhor ter posto Pai Américo no nosso caminho.

Cerca das 13 horas, tocou a sineta para o almoço: arroz à valenciana e boa pinga da nossa quinta. Os gaiatos mais

pequenos foram servidos em primeiro lugar. Engraçado vê-los segurar o tabuleiro com o prato de arroz, fruta, bolo e uma laranjada! Algumas esposas dos «velhotes» ajudaram os «Batatinhas».

A hora de almoço serviu, mais uma vez, para um bom convívio de todos os gaiatos, actuais e antigos e Padres da Obra da Rua.

Durante a tarde actuou o conjunto e o Faustino veio, do Porto, com os seus colegas músicos. Uma tarde agradável, que terminou com sardinhada e respectivo caldo verde.

No regresso a casa, no fim deste dia, cada um de nós levou, dentro de si, algo que vai permitir enfrentar com mais coragem, as dificuldades que dia-a-dia nos batem à porta. Pai Américo não esquece os seus filhos!

Carlos Gonçalves

Tribuna de Coimbra

Estou, há uns dias, na Praia de Mira, com os mais pequeninos e um grupo de quarenta. Tem sido um mundo de encanto. Os dias de sol e o mar a parecer uma lagoa têm ajudado as nossas férias. O peixe nas redes puxadas pelos bois é o grande centro de atracção; em alguns dias tem sido abundante.

Os rapazes descobriram lapas na Barrinha. É vê-los a preparar redes e sacos, o mais necessário, e ei-los a atravessar a água, a nado, para a outra margem. De regresso chegam cansados a puxar os sacos. E depois é preparar o jantar. Que arroz tão saboroso que eles fazem! Parece a descoberta de um mundo novo!

A presença de alguns amigos é motivo de confiança e muita alegria. O dono duma das redes já apareceu várias vezes. Traz sempre um cabaz de peixe. Quiz falar comigo para dizer da sua alegria em ser, há muitos anos, assinante d'O GAIATO e do amor que sente por todos estes rapazes que quer ajudar a criar: «Sempre que a rede traga alguma coisa há-de ser para estes meninos». Estende-me a sua mão cheia de escamas e «apareça junto da rede».

Eu vinha a entrar e ia um homem a sair. Levava duas canastras vazias. Disse que tinha vindo trazer tomates «para ajudar a tratar estas crianças». Falou com uma cara feliz e eu mais feliz fiquei.

Quase todos os dias vem um casal. Trabalharam muito em França e agora vivem da sua reforma. Todo o seu quintal está sempre a produzir. Têm sempre alguma coisa para trazer nos cestos. «Semeamos e plantamos muitas coisinhas, pois sabemos que faz sempre jeito para criar estes meninos». Há muitos anos que fazem assim e ainda não cansaram. Há muitos que se cansam sem fazer nada.

Há pouco, na mesa, disseram-me que há, na praça, uma senhora que todos os dias tem alguma coisa para nos oferecer. Coisas muito boas. Não é necessário pedir. Já nos outros anos assim era.

Da minha aldeia, vieram oferecer as laranjas de mais dois laranjais. Que coisas tão boas aquela gente oferece!

Nós aceitamo-las e saboreamos. Ainda ontem o almoço foi uma feijoada de um saco de feijão que vieram trazer. Que delicioso estava!

Que o Senhor Deus a todos recompense. E todos os que têm necessidade de férias as possam ter em paz.

Padre Horário

Aqui, Lisboa!

Cont. da página 1

mos que o direito à greve não invalida os valores éticos e o respeito pela dignidade dos outros, e tanto mais quanto se lesam as classes menos favorecidas, que têm de contar os tostões para fazer face aos encargos do dia a dia e não têm possibilidades de crédito ou de recurso a outras fontes.

• Voltamos ao assunto dos reformados e pensionistas, cuja situação é urgente rever. Sem poder reivindicativo e cada vez em maior número, dado o envelhecimento da população, sentem cada vez mais uma desactualização da sua capacidade de resposta em relação ao custo de vida.

Lamentamos que os Sindicatos, tão pressurosos a reivindicar para as pessoas no activo, se esqueçam de apostar com determinação nos interesses dos reformados. Os que trabalham hoje, serão, naturalmente, os reformados de amanhã. Há coisas que não se entendem.

O Estado tem a obrigação de rever com urgência a problemática apontada. Diz-se que há 40 milhões para os funcionários da Função Pública e que os novos escalões

entrarão em vigor em Outubro. Haverá algumas migalhas para os pensionistas e reformados? Esperemos que sim, mas alguma que se veja, nomeadamente a concessão do abono de férias, que os reformados e pensionistas também têm direito a elas.

Noticiaram os jornais que as pensões de reforma vão passar a ser de 80% do vencimento do activo contra os 100% actuais, contrariando um princípio que vigora há já algumas dezenas de anos. Não acreditamos que os pobres dos futuros reformados continuem a ser vítimas de discriminação. Deve haver engano...

Estamos comprometidos com os Pobres, sejam eles de que tipo forem, sentindo como nossos os sofrimentos ou as dificuldades por que possam passar. Temos de

denunciar as injustiças e pugnar para que sejam reparadas. Há reformados e pensionistas a viver com muitas privações e disparidades de bradar aos Céus. Por exemplo, uma senhora professora, com 45 anos de serviço, no tempo em que tinha de suportar 100 e mais alunos, recebe de reforma menos de metade que uma filha, leccionando hoje apenas 12! Como este muitos casos há, o que representa uma séria discriminação.

Este jornal não tem pretensões, mas muito desejaríamos que os responsáveis deste País o lessem e meditassem no que aqui se escreve ao serviço dos Homens. Supomos que nada perderiam com isso, que, por nós, não temos ambições à moda do Mundo nem fazemos sombra a ninguém.

Padre Luiz

Novos Assinantes de O GAIATO

Uma carta de Alpiarça — muito oportuna:

«Uma vez ou outra li O GAIATO e achei-o sempre com uma simplicidade e um conteúdo pouco normal. No desta quinzena voltei a constatar a opinião que tinha e senti-o como se pertencesse à Obra da Rua. Acima de tudo, deixou-me a reflectir e alertou-me para quanto se faz e o que há a fazer por todos os que sofrem. Por isso, considerem-me assinante e amigo. Agradeço, também, me mandem todos os livros do Padre Américo.»

Dá a oportunidade de recordar o interesse que a Pai Américo merecia a opinião do leitor sobre o Famoso. «Achei-o sempre com uma simplicidade e conteúdo pouco normal» — afirma. Como outros, ao longo do tempo. Definição (que vai) direitinha ao coração magnânimo do Fundador, que recomenda não prime O GAIATO pela intelectualite, seja perceptível a todos os níveis, de maneira que «o Zé da Lenha entenda».

Topamos outra nota oportuna, da assinante 1544: «Hoje, 16 de Julho, quero oferecer a assinatura d'O GAIATO a uns amigos». A melhor lembrança! Aliás, Pai Américo teve uma visão pura da Fé, sem resquícios de sacristia, velinhas, promessinhas...

Muitos leitores-avulso pedem a remessa do Famoso pelos CTT. Porto: «Hoje, ao ler O GAIATO, a consciência chamava-me para ajudar no que fosse mais preciso. Embora me faça falta, junto um cheque de 5.000\$00 porque sempre achei que dar era do que nos faria falta, não o que sobrava. Gostaria, assim, de receber o jornal em minha casa, pois nem sempre o vejo na rua. É preciso lê-lo, neste mundo de egoísmo em que vivemos. Lembra a nossa missão na terra». Tomar: «Peço o envio do jornal — que leio há dezassete anos — entregue em minha casa pelos filhos queridos da Obra da Rua, que eu conheci (...), o último dos quais há bastante tempo não me visita. Quero inscrever-me assinante para o poder ler como sempre li».

Na procissão caminham bastantes portugueses em diáspora, pelo mundo fora, como aquele amigo de Pretória (cidade de que Pai Américo gostava) pedindo «o meu inseparável jornal».

Júlio Mendes

Correspondência de Família

«Querido Padre

Saúde e paz da parte de Deus é o que desejo para si. Que nós cá ficamos bem, toda a família, graças a Deus.

Hoje é dia 16 de Julho. É o dia em que Pai Américo faz anos que partiu para o Céu.

Eu vou mandar para aí a fotografia do meu filho que é mais um neto da Obra da Rua e fez a Profissão de Fé. Aí vai 5000\$00 para o jornal e 5000\$00 para ajuda de alguma casa dos nossos irmãos gaiatos».

Vai a carta do pai a emoldurar a fotografia do filho.

O Emídio foi, entre nós, o «Passarinho», creio que o primeiro deste nome na Casa de Paço de Sousa.

Tinha, então, entre outras obrigações, a de levar todos os dias o almoço a uma velhinha acamada que morava um pouco distante da nossa aldeia — serviço que ele fazia com muita dedicação e alegria. Premiando-as, no dia de S. Camilo de Lellis de 1955, ao tempo festejado em 18 de Julho, Pai Américo fez um dos mais lindos «tribunais» a que assisti. Tanto que nunca o esqueci. E todos os anos, naquele dia, recordo o «tribunal» e o «Passarinho», que Pai Américo chamou diante de toda a comunidade para «pôr a luz sobre o candeeiro».

S. Camilo de Lellis gastou a vida servindo os Pobres e os Doentes, «mesmo os pestíferos», como quem



Filho do «Passarinho», das Caldas da Rainha.

serve o Senhor; e fundou uma família religiosa com esta missão.

Nessa altura, o «Calvário» era pensamento dominante de Pai Américo; era a Obra em gestação, prestes a ser dada à luz.

«Passarinho» era um agente de antecipação do «Calvário». À luz do Santo, Pai Américo fez-lhe o elogio e dele tirou doutrina para todos.

Que riqueza seria termos a gravação de momentos como este! De uma vez que apresentei o pedido de

um gravador, alegando muitas razões válidas, mas não aquela que era o verdadeiro objectivo — gravá-lo a ele — Pai Américo, perspicaz, adivinhou-o e negou-me a petição.

Deixá-lo! Trinta e quatro anos depois, aí está a lembrança viva, este ano avivada pela presença do «Passarinho» que, lá de França onde são os seus trabalhos, hoje como naquele tempo, em sua simplicidade, é para nós «consoladela» que Deus dá.

Padre Carlos



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, durante o mês de Maio: 72.900 exemplares